

GUARANI CANCELADO

Ao deixar o armazém com movimentos arrastados, a visão do exterior levou ao sorriso. Imbecilizado e encostado à parede do prédio assistia pessoas e coisas circulando em câmara lenta. Tudo parecia sombra e silêncio. Ao atingir o final da rua, trôpego, ignorando, com sua ébria presença, o tumulto que causara, o índio guarani balbuciou uma praga, voltando a entornar sedento gole da aguardente que protegia sob a axila desnuda e suarenta, e encarou a íngreme subida que o separava daquela parte da cidade até a pequena aldeia.

De mansinho a garoa da tarde avolumava-se. Encharcava o corpanzil do indígena e aumentava a dificuldade em vencer o escarpado. Goleando aos emborcões a cachaça e permitindo escorrer pelas comissuras dos lábios uma grossa mistura de saliva e aca, prosseguiu, cambaleante e untado de suor e chuva, avançando morro acima. À primeira pedra não resistiu e sentou-se. A malvada confortando o peito deprimido. Hesitante, levantou-se, retomou em zigue-zague ao seu destino. Estava perto, só duas curvas ... a árvore ... a aldeia.

Prostrou-se à margem do barranco, lá embaixo o verde e as coisas todas giravam. Socorreu-se na aguardente. De gole em gole continuou a subir, vencendo o cansaço e se deparando com a árvore. Frondosa, cipós enrolados por todos os galhos. Sob as ramas sentou-se, sorriu ao lembrar da infância, evocando travessuras naqueles cipós. A existência sabe parecer feliz e ingrata ao mesmo tempo. Enquanto levitava nas lembranças os sorvos se repetiam e o sorriso se ampliava. A pedra na encosta tal qual um jogo de contas espalhava cores ... e girava ... girava, seu mundo girava ..., os pássaros trinavam nervosos enquanto adejavam à sua volta ... Uma pancada de chuva mexeu com a realidade e o guarani abriu os olhos. Encharcado, voltou a sorrir e achou que a felicidade fosse molhada. O gole de cachaça veio babando ..., escorreu pelo peito, acabou ... Num ímpeto ergueu-se e segurou como pode no emaranhado de cipós que pendiam da grande árvore. Era agora ... ia para o balanço ... como era bom!

Idas e vindas, igual sua vida. O dono da floresta, o senhor dos cipós ... o balanço ... a chuva ... a aguardente confortando o peito, enganando a aflição e mostrando a mata que não parava de girar. De repente segurou com força um dos cipós. O mais grosso, rijo. Lentamente envolveu-o no pescoço, pretendia passa-lo por debaixo dos braços num verdadeiro pêndulo, não deu tempo, a pedra escorregadia o traiu, perdeu o equilíbrio e seu corpanzil projetou-se no vácuo, sendo preso tão só pelo

cipó que imitava um colar, um grosso e rijo colar. O guarani tremeu, convulsionou-se, com a cabeça, frouxa, apoiada num dos ombros, ao instante em que um líquido escuro e fétido escorria espesso por suas pernas. Um imenso sopro de ar sacudiu seus pulmões e o fez cancelado. A chuva persistente disfarçava as lágrimas da floresta.
